

EDITORIAL

No posfácio de 1873 à segunda edição do primeiro volume d’*O Capital*, num passo que entretanto se tornou célebre, Marx chamou a atenção para as diferenças entre a sua crítica à filosofia de Hegel e o anti-hegelianismo primário de um conjunto de “epígonos irritáveis, pretensiosos e mediócras”, que tomaram de assalto os círculos intelectuais alemães da segunda metade do século XIX. Segundo Marx, estes novos críticos trataram Hegel “como o bom Moses Mendelssohn [...] havia tratado Espinosa”, a saber, “como um ‘cão morto’”,¹ que já pouco ou nada teria a ensinar. Hoje, quase um século e meio depois, o epíteto de Mendelssohn poderia estender-se ao próprio Marx. Com efeito, se Hegel é ainda visto, em alguns círculos, como um “cão morto”, confinado aos compêndios de história da filosofia, Marx é para muitos um autor não menos datado ou ultrapassado. E, no entanto, tal como Marx se opôs às críticas dos seus contemporâneos, também um número crescente de intérpretes tem questionado esta leitura primária, esforçando-se por vincar a riqueza e a actualidade das suas ideias.

O 54.º número da *Philosophica*, que agora se apresenta, vem juntar-se a este esforço crítico, numa altura em que os pensamentos hegeliano, marxiano e marxista parecem regressar à ordem do dia. 2018 foi um ano importante para os estudos marxianos: o bicentenário do nascimento de Marx foi assinalado por diversas iniciativas, publicações e eventos, que permitiram redescobrir e repensar a sua obra. De igual modo, 2020 será um ano importante para os estudos hegelianos: tratar-se-á, desta vez, de assinalar os 250 anos do nascimento de Hegel, através de uma série de eventos e publicações já anunciados e por anunciar. Além disso, 2020 trará também o bicentenário da publicação dos *Elementos da Filosofia do Direito*, a maior obra política de Hegel e um dos principais pontos de contacto entre os pensamentos de Hegel e Marx.

¹ Marx, Karl, *Das Kapital* I, *Nachwort zur zweiten Auflage* [1873], in *MEGA* II/10, p. 17. Tradução nossa.

O ano corrente, a meio caminho entre as efemérides assinaladas, pareceu-nos, pois, a data ideal para visitar estes dois autores. Os textos reunidos neste número foram seleccionados de entre as comunicações apresentadas ao colóquio internacional “Hegel-Marx: ‘cães mortos’ ainda vivem”, que teve lugar na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa a 10 e 11 de Abril deste ano. O colóquio teve o apoio do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, do Instituto de Estudos Filosóficos (Universidade de Coimbra/Universidade Nova de Lisboa) e da Fundação para a Ciência e Tecnologia. Da comissão científica, cuja colaboração muito agradecemos, fizeram parte Adriana Veríssimo Serrão (Universidade de Lisboa), Andreas Arndt (Humboldt Universität, Berlin), Bruce Gilbert (Bishop’s University), Enoque Feitosa (Universidade Federal de Paraíba), Gary Browning (Oxford Brookes University), Guido Starosta (Universidade Nacional de Quilmes) e José Miranda Justo (Universidade de Lisboa).

O colóquio foi pensado como um espaço de discussão em torno das obras de Hegel e Marx, bem como da relação entre elas, do contexto histórico em que surgiram e do legado teórico e crítico a que deram origem. Além disso, a iniciativa procurou recuperar o espírito que presidiu a eventos semelhantes realizados em Portugal nas últimas décadas, como o 11.º Congresso da *Internationale Hegel Gesellschaft*, em 1976, o Congresso da *Internationale Gesellschaft Hegel-Marx für dialektisches Denken* realizado em 2009, ou, mais recentemente, as Conferências Internacionais “Marx em Maio”, que tiveram lugar na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 2012, 2014 e 2018. Tal como nestes eventos, e para fazer jus à riqueza das obras de Hegel e Marx, o debate não se cingiu a um determinado conceito, tema ou período. As comunicações apresentadas cobriram áreas tão diferentes como a epistemologia, a filosofia do direito, a economia política, a estética ou a filosofia da natureza, e os textos que agora apresentamos reflectem essa diversidade: do conceito de contradição à evolução da economia de mercado, do fascínio oitocentista pelo oriente ao papel social da mulher, os artigos que se seguem revisitam debates antigos e propõem novas interpretações e abordagens, olhando a história mas também o tempo presente.

Antes de terminar, resta-nos agradecer a todos os autores pelas suas contribuições, à comissão editorial da *Philosophica* e, em particular, à Prof.^a Adriana Veríssimo Serrão por nos ter confiado a edição deste número. A apreciação do seu conteúdo cabe, agora, a cada leitor.

*

In the 1873 afterword to the second German edition of *Capital*, in a passage that has since become famous, Marx highlighted the difference between his criticism of Hegel's philosophy and the basic anti-Hegelianism of the "grumpy, arrogant and mediocre epigones" that took over German intellectual circles in the second half of the 19th century. According to Marx, these new critics treated Hegel "as the brave Moses Mendelssohn had treated Spinoza", namely "as a 'dead dog'";² with little or nothing left to teach. Today, almost a century and a half later, Mendelssohn's epithet might be extended to Marx himself. Indeed, if Hegel is still seen, in some circles, as a "dead dog", to be confined to history volumes, Marx is to many a no less outdated author. And yet, just as he opposed the criticisms of his contemporaries, so too a growing number of interpreters is questioning this basic reading, in an effort to bring out the richness and topicality of his ideas.

Philosophica's 54nd issue joins this critical effort, at a time when Hegelian, Marxian and Marxist ideas seem to be back on the philosophical agenda. 2018 was an important year for Marxian studies: Marx's 200th anniversary was marked by numerous initiatives, publications and events, which allowed for the rediscovery and reassessment of his work. Likewise, 2020 will be an important year for Hegelian studies: this time, commemorations will focus on Hegel's 250th anniversary, through a series of upcoming events and publications. Moreover, 2020 will also bring the bicentenary of the publication of the *Outlines of the Philosophy of Right*, Hegel's main political opus and one of the main bridges between Hegel's and Marx's thought.

The current year, halfway between these three anniversaries, seemed like the ideal time to revisit these two thinkers. The papers gathered in this issue were selected among those presented at the international conference "Hegel-Marx: 'dead dogs' still live", which took place at the School of Arts and Humanities of the University of Lisbon on 10-11 April 2019. The conference was organized by the Philosophy Centre of the University of Lisbon, the Group for Marxist Studies and the Institute for Philosophical Studies (University of Coimbra/New University of Lisbon), and was sponsored by the Foundation for Science and Technology. The scientific committee, to whom we are very grateful, included Adriana Veríssimo Serrão (Universidade de Lisboa), Andreas Arndt (Humboldt Universität,

2 *Ibid.* Our translation.

Berlin), Bruce Gilbert (Bishop's University), Enoque Feitosa (Universidade Federal de Paraíba), Gary Browning (Oxford Brookes University), Guido Starosta (Universidade Nacional de Quilmes) and José Miranda Justo (Universidade de Lisboa).

The conference was conceived as an open forum centred on the works of Hegel and Marx, as well on their relationship, the historical context in which they emerged and their theoretical and critical legacy. Moreover, it aimed to revive the spirit behind similar events held in Portugal in the last decades, such as the 11th Congress of the *Internationale Hegel Gesellschaft*, in 1976, the Congress of the *Internationale Gesellschaft Hegel-Marx für dialektisches Denken* held in 2009, and, more recently, the International Conferences “Marx in May”, which took place in 2012, 2014 and 2018 at the School of Arts and Humanities of the University of Lisbon. In line with these events, and in order to do justice to the richness of Hegel's and Marx's works, the debate was not limited to a specific concept, subject or period. The papers presented at the conference focused on areas as different as epistemology, philosophy of right, political economy, aesthetics or philosophy of nature; and the texts included in this volume reflect this diversity: from the concept of contradiction to the evolution of the market economy, from the 19th century fascination with the Orient to the social role of women, the following texts reopen old debates and propose new approaches and interpretations, looking at the past but also at the present and the future.

Before concluding, we would like to thank the authors for their contributions, *Philosophica's* editorial committee and especially Prof. Adriana Veríssimo Serrão for allowing us to edit this issue. The assessment of its content is now up to each reader.

Lisbon/Leuven, May 31st 2019

*Bernardo Ferro
Paulo Antunes
Sara Vargas*

*

Completem o presente número as habituais secções.

O primeiro dos *Ensaio*s, de Lampros I. Papagiannis, procede a uma comparação entre o pensador chinês Lao-Zi e o filósofo grego Heraclito. O artigo analisa os modos segundo os quais o tema da criança como símbolo da inocência se reveste, além de aspectos testemunhais, de significativa função conceptual como tópico e modelo na explanação dos respectivos pensamentos éticos e políticos (“Infant as a symbolism of goodness and innocence in Lao-Zi’s *Dao De Jing* and Heraclitus’ fragments”).

Interpretações contraditórias têm rodeado a posição céptica de David Hume, aqui esclarecida por Wendel de Holanda Pereira Campelo. Hume afastaria o cepticismo total, por ficar preso num entendimento ensimesmado e impedir o uso público da filosofia como tarefa de esclarecimento (“Razão, sentimento e oscilação céptica no *Tratado* de David Hume”).

Em “Embryologic comparisons in the Architektonikkapitel: fleeting dissonances or prolonged disharmonies?”, Ubirajara Rancan de Azevedo Marques debruça-se sobre a complexa noção kantiana de epigénese, realçando quer a sua matriz biológica quer a sua função arquitectónica na concepção do sistema da razão pura.

O número 54 finaliza com três resenhas: de Maria Leonor Xavier ao livro de Mafalda De Faria Blanc, *Estudos sobre Heidegger*, Lisboa: Guerra e Paz, 2018; de Tiago Carvalho ao livro de Marta Taffala, *Ecoanimal. Una estética plurisensorial, ecologista y animista*, Madrid: Plaza y Valdés Editores, 2019; e de Viriato Soromenho-Marques à obra colectiva editada por Victor K. Mendes e Patrícia Vieira, *Portuguese Literature and the Environment*, Lanham-Boulder-New York-London: Lexington Books, 2019.

Por decisão unânime do Júri, o Prémio Prof. Doutor Joaquim Cerqueira Gonçalves para Alunos do 1.º Ciclo/Cursos De Licenciatura (Edição de 2019) não foi atribuído.

A Direcção